

AMOR

contos

Natalia Borges Polesso



Aos amores e às amoras

GRANDES E SUMARENTAS

Primeiras vezes

7

Não desmaia, Eduarda

13

Vó, a senhora é lésbica?

23

O interior selvagem

31

Flor, flores, ferro retorcido

41

Botinas

48

Minha prima está na cidade

54

Dreaming

59

Os demônios de Renfield

66

Dramaturga hermética

74

Como te extraño, Clara

88

Marília acorda

98

Diáspora lésbica

103

Amora

112

O coração precisa ser pego de surpresa para ser incriminado

119

Deus me livre

128

Um as pernas grossas

133

As tias

139

Morder a língua

145

Wasserkur ou alguns motivos para não odiar os dias de chuva

150

Tia Marga

156

Inventário da despedida: um conto em quatro distâncias

163

PEQUENAS E ÁCIDAS

Molotov

168

Bocejo

170

Saliva

172

Punhos

173

Valsa

175

Sono

176

Estranho

178

Memória

180

Fracasso

183

Templo

185

Profanação

186

Texto da orelha

189

Sobre a autora

191

Créditos

192

GRANDES

E SUMARENTAS



PRIMEIRAS VEZES

Não aguentava mais aquilo de ser virgem. Dezesete anos e parecia um pecado. Estava cansada de mentir para as colegas sobre como tinha sido sua primeira vez. Cansada. Já não lembrava qual era a verdade da mentira que tinha contado e agora adicionava fatos aleatórios. Ele tinha um chevette. Estava tocando 4 Non Blondes. Eu estava usando uma calcinha verde. Comemos batata frita. Ele não mora aqui. Calcinha verde? Quem usa uma calcinha verde quando sabe que vai dar? Nada daquilo era real. Não era uma songamonga que nunca tinha feito nada, mas era virgem ainda. Cansou.

Fazia o terceiro ano noturno de uma escola pública tradicional onde, tradicionalmente, às sextas, apenas os dois primeiros períodos eram frequentados. Nem os professores apareciam nos dois últimos. A diretoria já tinha encurtado o turno de sexta para quatro períodos, mesmo assim, fracassou. Três bares nos arredores da escola: 1) boteco sinistro onde péssimas bandas faziam covers igualmente péssimos com instrumentos desafinados, be-

bia-se catuaba, porque era barato e era o que tinha, a mistura de catuaba e fanta uva tinha se estabelecido como a nova moda, havia a certeza de que ali começaria a degradação do fígado daquela geração; 2) bar de skatista onde se vendia cerveja por preço razoável e todos os tons de licor bols, consumiam-se drogas ilícitas diante dos olhos de todos, sendo que maconha era a mais comum — ela não, não gostava de drogas ilícitas até então; 3) conveniência do posto onde se comprava um combo de litro de vodca barriga-mole mais coca-cola e se podia usufruir das instalações do local, leia-se área coberta, banheiros imundos e mureta de tijolos atrás do lava a jato. Resultado: bares cheios, escola vazia.

Sexta-feira, dezenove horas e vinte e cinco minutos quando o sinal tocou e metade de seus colegas entrou na sala. A outra metade fez sinal para que ela a seguisse até os fundos da escola. Viu um dos caras levantar a cerca de arame cruzado e todos passarem por baixo. Nenhuma aula seria assistida naquela sexta. Todos para o bar número dois. Seguiu o fluxo. Todos entraram, todos sentaram, todos beberam, todos levantaram para ir dançar, como um cardume, eles não se separavam. Até que uma amiga a puxou pela mão para fumarem um cigarro. Ela não fumava. Ela não gostava de cigarro. Lembra que seu pai, embora fumante, nunca tinha fumado um cigarro sequer dentro de casa. Acendeu. Deu duas tragadas e foi interrompida por uma voz muito grave lhe dizendo que não era daquele jeito que se fumava. Não era mesmo. A voz era de Luís Augusto Marcelo Dias Prado, como se apresentou. Luís Augusto Marcelo Dias Prado. O nome era como se se encaixassem

aquelas peças plásticas para montar, de modo que a forma ficasse comprida demais e prestes a desabar. Não era um bom nome. Mais três sextas-feiras e estavam namorando. O que sentia por ele era inversamente proporcional à sua nota em física. Era ruim em física. Era boa em gostar dele. Contudo, tinha uma coisa. Aliás, duas: a mentira da não virgindade e o assunto nunca tocado.

Oito sextas-feiras antes daquela em que conhecera Luís Augusto Marcelo Dias Prado, estivera com Letícia, sua colega fumante, e, meio bêbadas no sofá da casa dela, comentaram sobre Mandala, a bichinha do terceiro ano; e depois sobre o lugar em que ela fazia shows; e depois sobre a possibilidade de um dia ir até lá; e depois sobre a explosão das lésbicas da novela no shopping; e depois sobre como o mundo era bizarro; e depois sobre como não podiam controlar esses sentimentos; e depois sobre como ela tinha vontade de beijar a boca vermelha de Letícia; e depois sobre como Letícia gostaria que aquilo acontecesse desde que o Vitor estivesse junto; e depois sobre como precisava estudar um pouco mais para a prova de física. Aquilo tinha se enraizado intensamente nas suas sensações diárias. A boca vermelha de Letícia. Os pensamentos há anos presos num lugar escuro da cabeça, agora soltos em palavras. Palavras que foram parar na cabeça de Letícia. Nunca tinha confessado aquelas coisas a ninguém, e, durante todas as sextas-feiras que se seguiram até o dia em que foi para a casa de Luís Augusto Marcelo Dias Prado, parecia que jamais as tivesse confessado.

Ele não tinha carro. No rádio não tocava 4 Non Blondes. A calcinha dela era bordô. Não comeram batata frita.

Ela nem teve tempo de tirar o sutiã. Tudo já tinha acabado. Concluiu que todo o antes tinha sido melhor do que o durante. Depois foi até o banheiro e notou que tinha a mesma cara virgem. Uns cabelos pretos escorridos para trás das orelhas, nada de maquiagem, ombros pontudos de tão magros, um pouco de sangue entre as coxas. Saiu do banheiro gostando muito mais de física do que antes e pediu para ir embora. Luís Augusto Marcelo Dias Prado não entendeu. Ele era uma boa pessoa, apesar do nome, e até queria namorar. Quando ligava para a casa dela, a mãe sempre ficava contente com aquele vozeirão que ainda não tinha um rosto, mas que ela já imaginava em almoços dominicais. Nunca aconteceu. Ela começou a evitá-lo, começou a ir para as aulas da sexta-feira, não atendeu mais o telefone de casa e pedia que a mãe mentisse à voz mais linda da cidade, dizendo que não estava em casa.

No sábado, depois da sexta que tinha ido à casa dele, ligou para Letícia. Contou sobre o dia anterior e sobre como tinha mentido em relação à sua primeira vez e sobre como queria que as lésbicas não tivessem explodido no shopping e sobre como tinha sonhos esquisitos com a Linda Perry e sobre como naquele dia no sofá queria tê-la beijado em sua boca vermelha. Letícia, por sua vez, disse-lhe que primeiras vezes eram sempre daquele jeito e que talvez ele não tivesse feito direito e que talvez ela estivesse nervosa e que deveria tentar novamente. Não disse nada sobre lésbicas, novela, Linda Perry, nem sobre beijos em bocas vermelhas.

Ela só teve coragem de ir para a escola na quarta-feira. Não conseguiria olhar para Letícia e nem precisou, por-

que, na quarta, a colega é que não foi. Na quinta-feira, as coisas pareciam longe, porque a vida funcionava assim aos dezessete anos, dentro de um tempo elástico que se adaptava aos humores e àquelas necessidades tão ingênuas. O tempo era bonito nas quintas-feiras, aos dezessete anos. E se encontraram. Ela não mencionou absolutamente nada sobre o telefonema, nem Letícia. A metade da turma estava organizando uma festa na casa de um cara, no dia seguinte, portanto, nada de aula. Foi direto para o endereço recomendado. Revenda de automóveis. Apertou a campainha e um colega veio abrir. Atrás de uma fumaça esbranquiçada, viu Letícia sentada numa cadeira de palha ao lado da churrasqueira. Copo na mão. Curaçau blue e sprite. Naquela época, curaçau com sprite era infinitamente superior à catuaba com fanta uva ou coca com vodca de garrafa plástica; hoje, se equivalem.

Todos entraram, todos sentaram, todos beberam, todos comeram, todos beberam novamente, todos levantaram para dançar, todos beberam mais, como um cardume, não se separavam. Até que Letícia a puxou pela mão para fumarem um cigarro. Ela arrastava os pés no cascalho, enquanto Letícia procurava, nos bolsos da jaqueta, a carteira de cigarro mentolado. Letícia sacudiu alguma coisa na frente de seus olhos. Era uma chave. No chaveiro estava escrito *voyage verde musgo*. Encontraram. Letícia abriu a porta e foi para o banco de trás. Ela seguiu, procurando não ser enganada por uma expectativa que seria apenas sua. Não tinham carro nem idade para dirigir. O *voyage* não tinha rádio, portanto não tocava *4 Non Blondes*. A calcinha de Letícia era roxa e tinha uma renda, a dela era cinza

e o algodão estava esgarçado para além dos limites do bom senso. Nenhuma das duas teve tempo de tirar o sutiã. Foi tudo desajeitado, como são geralmente as primeiras vezes. Cheias de dentes que batem e movimentos de desencaixe.

Ouviram o Vitor gritar que o Moisés estava mamando um litro de cachaça de butiá. Saíram do carro e pegaram o Rodrigo e a Bruna atrás de um tempra, erguendo as calças e baixando a blusa, respectivamente. Ninguém viu, ninguém comentou. Nem elas mesmas. A Letícia seguiu namorando o Vitor até o fim do ano. A turma continuou matando aula às sextas-feiras. E ela passou em física.